



Como fazer justiça para os palestinos

Muhammad Abdul Bari

MEMO
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Como fazer justiça para os palestinos
Imagem de capa: Domo da Rocha, no complexo de Al-Aqsa, em Jerusalém ocupada, 18 de outubro de 2019
[Faiz Abu Rmeleh/Agência Anadolu]

Publicado em janeiro de 2022.

© Editora MEMO 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

Como fazer justiça para os palestinos

Muhammad Abdul Bari

Conhecido líder do movimento civil no Reino Unido, além de autor e pedagogo. É membro do Conselho Muçulmano da Grã Bretanha (MCB) e da organização comunitária Citizens UK.



Trabalhou junto do fundo beneficente da Mesquita do Leste de Londres e de outras instituições, incluindo a Muslim Aid. Foi consultor do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres em 2012. Concentra-se hoje em escrever e orientar as jovens gerações.

Resumo

O conflito em curso nas terras ancestrais da Palestina, com Jerusalém como joia da coroa, reverenciada pelas três religiões abraâmicas, remete aos dias trágicos da Primeira Guerra Mundial, quando Grã Bretanha e França, as duas principais potências coloniais da época, plantaram as sementes da injustiça na região e na vasta Península Arábica.

Desde então, e com apoio moral e material incondicional dos Estados Unidos, conferido a Israel, os palestinos são submetidos a um processo ímpar de expropriação e limpeza étnica em suas próprias terras. Mas há sinais de que ventos da mudança sopram em todo o mundo, em busca de uma solução justa para a questão palestina.

Este documento explora a conjuntura atual e formas potencialmente efetivas de fazer justiça ao povo palestino.

Os custos da guerra de maio de 2021

Como outras vezes, a guerra assimétrica de onze dias entre Israel e Hamas, em maio de 2021, expôs o custo desproporcional conferido a ambos lados.¹ Morreram ao menos 250 palestinos; dentre os quais, 65 crianças. Centros de saúde e outras instalações de infraestrutura foram incapacitados e mais de 1.800 unidades residenciais tornaram-se inabitáveis, incluindo mil residências completamente destruídas. Israel contabilizou 13 mortes, incluindo duas crianças. Estima-se que cerca de US\$100 milhões sejam necessários para reconstruir instalações industriais, agrárias e de geração

1 Nidal Al-Mughrabi e Jonathan Saul. Factbox: Palestinians, Israelis count cost of 11-day fight. Reuters. 20 de maio de 2021. Disponível em: www.reuters.com/world/middle-east/palestinians-israelis-count-cost-11-day-fight-2021-05-20/

de energia elétrica na Faixa de Gaza² — território já bastante empobrecido por mais de uma década de bloqueio israelense.

Como um mau augúrio, Israel jamais interrompeu a construção de seus assentamentos ilegais e suas forças policiais mantiveram atos de hostilidade contra muçulmanos no complexo de Al-Aqsa, apesar do acordo de cessar-fogo. Durante a Conferência do Rabinato de Israel, realizada naquele mesmo mês de maio, Yitzhak Yosef — rabino-chefe da comunidade sefardita — reafirmou o longo decreto que proíbe os judeus de entrarem no Nobre Santuário de Al-Aqsa (Haram al-Sharif)³, ao qual se referem como Monte do Templo. Há poucos indícios de que o estado sionista seguirá os conselhos de um de seus mais respeitados líderes religiosos.

Infelizmente, mas sem surpresa, o presidente Joe Biden manteve a tradição dos Estados Unidos de conceder suporte incondicional às ações militares de Israel, sem qualquer urgência de um cessar-fogo. Quando a ferocidade do bombardeio contra Gaza de fato escalou e as baixas começaram a se acumular, Biden expressou seu apoio ao cessar-fogo mediado pelo Egito. Entretanto, prometeu que seu governo financiaria o reabastecimento do sistema de mísseis israelense conhecido como Domo de Ferro, além de trabalhar junto da Autoridade Palestina para conquistar a “solução de dois estados”⁴. Como seus antecessores, Biden jamais abordou a realidade do controle absoluto de Israel sobre a Palestina, que não apenas transformou Gaza na maior prisão a céu aberto do planeta,

2 Gaza: Daunting rebuilding task after 11 days of Israeli bombing. Al Jazeera. 21 de maio de 2021. Disponível em: www.aljazeera.com/news/2021/5/21/thousands-of-gazans-return-to-destroyed-homes-after-israel-truce

3 Israeli Rabbinical Leaders Conference, 30th May-1st June 2021. Forward Thinking. Disponível em: www.forward-thinking.org/?p=6226

4 Joe Biden says two-state solution only route to peace as Israel-Hamas ceasefire holds. Sky News. 22 de maio de 2021. Disponível em: <https://news.sky.com/story/joe-biden-says-two-state-solution-only-route-to-peace-as-israel-hamas-ceasefire-holds-12313261>

como destituiu a Autoridade Palestina de qualquer autoridade concreta. Com seu apoio diplomático, econômico e militar sem igual, ofertado ao projeto colonial israelense, é difícil enxergar Washington como um mediador justo.

Biden tampouco discutiu como reconstruir Gaza. O partido governante no território sitiado — isto é, o movimento Hamas; democraticamente eleito por votação popular aceita internacionalmente, em 2006 — é sancionado duramente e designado como “grupo terrorista”⁵ pelos Estados Unidos e seus aliados. Lamentavelmente, o fracasso da Autoridade Palestina em realizar qualquer eleição desde 2006 enfraqueceu a liderança palestina. Em 2017, o ex-premiê britânico e então enviado do chamado Quarteto do Oriente Médio (Estados Unidos, União Europeia, Organização das Nações Unidas e Rússia) comentou o caso, ao afirmar que ele e outros líderes globais se equivocaram ao ceder à pressão israelense para impor um boicote imediato ao Hamas⁶. Há mais de uma década, o ex-presidente americano Jimmy Carter exortou uma “Europa indolente”⁷ a romper com a postura de Washington sobre o bloqueio de Gaza. Não obstante, alguns estadistas decidem apenas angariar coragem para reivindicar justiça quando não mais estão no poder.

5 Hamas: The Palestinian militant group that rules Gaza. BBC. 1º de julho de 2021. Disponível em: www.bbc.com/news/world-middle-east-13331522

6 Donald Macintyre. Tony Blair: ‘We were wrong to boycott Hamas after its election win’. The Guardian. 14 de outubro de 2017. Disponível em: www.theguardian.com/world/2017/oct/14/tony-blair-hamas-gaza-boycott-wrong

7 Jonathan Steele e Jonathan Freedland. Carter urges ‘supine’ Europe to break with US over Gaza blockade. The Guardian. 26 de maio de 2008. Disponível em: www.theguardian.com/world/2008/may/26/israelandthepalestinians.usa1

As sementes da injustiça espalhadas pelas potências coloniais

Vale recordar alguns líderes como essas terras antigas chegaram à atual situação de calamidade. A presença judaica na Palestina ocupada pelo Império Otomano permaneceu bastante pequena por séculos. Todavia, no século XIX, em meio à decadência otomana, Grã Bretanha, França e Rússia decidiram tomar vantagem de tamanha mudança na balança colonial. Os destroços imperiais das metrópoles francesa e britânica, durante a Primeira Guerra Mundial, instigaram a deflagração de tamanha injustiça, divisão e caos nas terras ancestrais do povo árabe. O caso mais hediondo foi justamente na terra histórica dos Profetas, a Palestina, com Jerusalém como um dos locais mais reverenciados pelas três religiões abraâmicas.

O Acordo de Sykes-Picot, assinado em 1916, partilhou a região como espólios de guerra e a Palestina recaiu sob o mandato britânico. Em novembro do ano seguinte, a Declaração Balfour consagrou em forma de carta, endereçada pelo então Secretário de Assuntos Externos do Reino Unido Arthur James Balfour ao Lorde Lionel Walter Rothschild, líder da comunidade anglo-judaica, a promessa de apoiar a “criação de um lar nacional para o povo judeu” na Palestina ocupada, como indício evidente do projeto de assentamentos coloniais. O documento selou o destino da Palestina, que permanece desde então como campo de batalha por gerações e gerações. Antes vizinhos amistosos, em paz e harmonia, inclusive em outros territórios otomanos, na Espanha e além, os judeus então se tornaram “inimigos” das comunidades muçulmanas, graças à política de “dividir e conquistar”, da desunião árabe, do êxito político dos lobbies sionistas em todo o mundo e também do avanço do sionismo cristão.

Como outras metrópoles nos dias finais do colonialismo, a Grã Bretanha compreendeu o assentamento europeu sionista na Palestina ocupada como uma forma de criar um regime leal no coração do mundo árabe e estender sua “missão civilizatória” sobre populações não-brancas. Ao

abdicar de qualquer responsabilidade em torno dos princípios de igualdade e justiça, este processo culminou na primeira das muitas tragédias do povo palestino. Em 1948, foram expulsos mais de 750 mil palestinos de suas terras⁸, via limpeza étnica deliberada, o que incutiu nas comunidades árabes um sentimento de desalento e indignação — que desde então somente se amplificou. Edward Said, renomado acadêmico palestino-americano, sintetizou de forma eloquente a injustiça decretada pela Declaração Balfour ao descrevê-la como “promulgada por uma potência europeia – sobre um território não-europeu – em franco desrespeito à presença e aos anseios da maioria nativa residente na região”.

Os palestinos nativos enfrentaram catástrofe após catástrofe, sob o flagelo da ocupação israelense, do deslocamento forçado, do aprisionamento em massa ou da humilhação via agressões e assédios cometidos cotidianamente nos postos de controle militar. O fracasso da Autoridade Palestina, sob hegemonia do partido Fatah, para obter confiança de toda a sociedade palestina é descrita ainda como uma verdadeira crise de liderança e legitimidade⁹.

O fracasso em constituir uma plataforma em comum para resistir à ocupação tampouco ajudou a causa palestina. O Hamas tem seus próprios desafios, em termos da imagem projetada no Ocidente e suas fontes de financiamento. Embora a Faixa de Gaza sofra reiteradamente por uma política de terra arrasada conduzida por Israel, a estratégia do Hamas de lançar foguetes improvisados para o outro lado da fronteira é vista negativamente inclusive por muitos apoiadores. Entretanto, con-

8 PAPPÉ, Ilan. The 1948 ethnic cleansing of Palestine. *Journal of Palestine Studies*. 17 de julho de 2014. Disponível em: ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10871/15208/1948%20Ethnic%20Cleansing%20of%20Palestine.pdf

9 Khaled Elgindy. The Palestinian Leadership Crisis. *Brookings*. 5 de janeiro de 2016. Disponível em: www.brookings.edu/blog/markaz/2016/01/05/the-palestinian-leadership-crisis/

tra todas as hipóteses, nos últimos tempos, o grupo radicado em Gaza conseguiu uma melhor posição dentro do movimento palestino por libertação nacional.

A agressão israelense prevalece ainda hoje junto do apoio moral e material dos Estados Unidos. Bilhões de dólares provenientes dos contribuintes americanos são ofertados anualmente a Israel, além de outros bilhões em assistência militar. Ao comprar sofisticados itens de guerra de Washington, a ocupação sionista desenvolveu para si um dos mais avançados exércitos do mundo, que desfruta até mesmo de armamentos nucleares. O resultado é um conflito absolutamente unilateral que permitiu a expropriação e a limpeza étnica de um povo que continua inabalado. Ao longo das últimas décadas, os Estados Unidos buscou proteger seu aliado íntimo de qualquer contestação global, ao vetar 53 resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas que poderiam apresentar eventuais críticas à ocupação¹⁰.

França e Grã Bretanha podem não ser as superpotências de outrora, mas ainda possuem capital diplomático e econômico para restabelecer certo equilíbrio. Lamentavelmente, ambos não somente insistem em não reconhecer e corrigir seus erros históricos, como mantêm uma política intervencionista em muitos outros países.

Israel é visto cada vez como estado de apartheid

A comunidade internacional permanece impotente sobre sua responsabilidade em torno da justiça ao povo palestino, com destaque para a

10 Creede Newton. A history of the US blocking UN resolutions against Israel. *Al Jazeera*. 19 de maio de 2021. Disponível em: www.aljazeera.com/news/2021/5/19/a-history-of-the-us-blocking-un-resolutions-against-israel

Organização das Nações Unidas. Em seus fóruns, qualquer tentativa de reavaliar o conflito enfrenta o veto imediato dos Estados Unidos, sob razões fundamentalmente políticas. Contudo, esse flagrante abuso de poder parece tornar a posição americana cada vez menos popular em todos os cantos do mundo. Com a ascensão do multilateralismo, há agora sinais de mudança.

Muitas organizações internacionais de direitos humanos — incluindo associações israelenses — não apenas manifestaram apoio às demandas da causa palestina, como constataram que o status quo de injustiça e ocupação então resguardado claramente cumpre a definição de apartheid, conforme a lei internacional. Suas vozes ressoam com clareza cada vez maior.

A organização não-governamental B'Tselem, proeminente em Israel, publicou um relatório no início de 2021 intitulado “Um regime de supremacia judaica do Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo: Seu nome é apartheid”¹¹. O documento de 213 páginas quebrou o tabu implícito em comparar o tratamento israelense conferido aos palestinos com o sistema de discriminação racial imposto na África do Sul. Poucos meses antes, foi divulgado um relatório do Human Rights Watch, denominado “Um limite ultrapassado: Autoridades israelenses e os crimes de apartheid e perseguição”¹². Este documento, por sua vez, examinou como o governo israelense busca privilegiar de forma metódica sua população judaica, enquanto reprime os residentes palestinos, o que constitui “crimes de lesa-humanidade, incluindo apartheid e perseguição”.

11 A regime of Jewish supremacy from the Jordan River to the Mediterranean Sea: This is apartheid. B'Tselem. 12 de janeiro de 2021. Disponível em: www.btselem.org/publications/fulltext/202101_this_is_apartheid

12 A Threshold Crossed. Human Rights Watch. 27 de abril de 2021. Disponível em: www.hrw.org/report/2021/04/27/threshold-crossed/israeli-authorities-and-crimes-apartheid-and-persecution

O chamado ecoa agora de modo notável mesmo dentro de Israel. Mais de 500 judeus israelenses assinaram uma carta aberta para exigir uma intervenção internacional contra o regime de apartheid¹³. Em um artigo bastante convincente, dois ex-embaixadores israelenses na África do Sul, Ilan Baruch e Alon Liel, observaram como “os bantustões sul-africanos sob o sistema de apartheid e o mapa dos territórios palestinos ocupados são baseados na mesma ideia de concentrar uma população de ‘indesejáveis’ na menor área possível, em uma série de enclaves sem contiguidade. Ao expulsar pouco a pouco essas pessoas de suas terras e concentrá-las em bolsões fragmentados e densamente povoados, ambos os regimes trabalharam para frustrar qualquer autonomia política ou democracia”¹⁴.

Além disso, em 2021, o Tribunal Penal Internacional (TPI) lançou uma investigação sobre os crimes de guerra cometidos nos territórios palestinos ocupados¹⁵, incluindo a guerra contra Gaza perpetrada por Israel em meados de 2014. Os palestinos acolheram o inquérito, enquanto Israel opôs-se de maneira contundente sob o pretexto de potencialmente impor “ameaça de perseguição” a centenas de cidadãos israelenses.

Embora haja sinais positivos nessa conjuntura, há pouco alento aos palestinos de Gaza, que vivem sob a maior prisão a céu aberto de todo o mundo, como descrevem diversas organizações humanitárias inter-

13 As Israeli Jews, we demand international intervention against apartheid. Jews For Justice For Palestinians. 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://jffp.com/as-israeli-jews-we-demand-international-intervention-against-apartheid/>

14 Ilan Baruch e Alon Liel. It's apartheid, say Israeli ambassadors to South Africa. GroundUp. 8 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.groundup.org.za/article/israeli-ambassadors-compare-israel-south-africa/>

15 Peter Beaumont. ICC opens investigation into war crimes in Palestinian territories. The Guardian. 3 de maio de 2021. Disponível em: www.theguardian.com/law/2021/mar/03/icc-open-formal-investigation-war-crimes-palestine

nacionais¹⁶. Dois milhões de palestinos residem na pequena faixa costeira, sob o implacável cerco militar israelense e a subsequente situação de miséria. Setenta por cento dos palestinos de Gaza são registrados como refugiados — muitas das famílias deixaram suas aldeias em 1948 e outras foram deslocadas ao longo de décadas pela incessante violência e perseguição. Logo após os Estados Unidos manifestarem seu veto no Conselho de Segurança a um cessar-fogo para a ofensiva que deflagrou-se em maio, o Secretário-Geral das Nações Unidas António Guterres reafirmou: “Se existe um inferno na terra, é justamente como vivem as crianças de Gaza”¹⁷.

Opiniões internacionais alicerçam a busca por justiça

Os ventos da mudança tornam-se cada vez mais fortes. Pouco a pouco, pessoas em todo o mundo demonstram sua indignação contra a discriminação racial e abusos de direitos humanos, sobretudo após o assassinato hediondo de George Floyd por um policial branco, nos Estados Unidos. O movimento Vidas Negras Importam ganhou ímpeto e agora mobiliza gerações de todas as cores e fés, mesmo no âmago das antigas potências coloniais e seus sucessores ocidentais. Há uma onda de manifestações em curso que estão resignificando as relações raciais nos Estados Unidos e além. Ativistas reúnem mais e mais coragem ao “dar nome aos bois” e declarar que Israel é efetiva e sistematicamente um estado de apartheid — como vimos por três décadas, desde os anos 1960, contra o regime racista na África do Sul.

16 Roald Høvring. Gaza: The world's largest open-air prison. Norwegian Refugee Council. 26 de abril de 2018. Disponível em: www.nrc.no/news/2018/april/gaza-the-worlds-largest-open-air-prison/

17 Gaza children living in 'hell on earth', UN chief says, urging immediate end to fighting. United Nations. 20 de maio de 2021. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2021/05/1092332>

Por um longo tempo, Israel desfrutou não apenas da supremacia militar sobre a Palestina e seus vizinhos árabes, mas também de vantagem em termos de opinião pública e diplomacia, ao representar com cinismo as vítimas de seus crimes como verdadeiros vilões. As coisas, no entanto, começam a mudar. Há agora uma inquietação global sobre a maneira como o exército israelense devastou Gaza novamente em maio deste ano, agravando ainda mais a catástrofe humanitária no enclave palestino. A solidariedade com a causa palestina e a indignação sobre a opressão israelense se tornaram mais fortes.

Vozes públicas chegaram à Câmara dos Representantes dos Estados Unidos e ao Parlamento do Reino Unido. A congressista palestino-britânica Layla Moran fez um apelo emocionado a seu país para exercer um papel mais contundente e reconhecer o Estado palestino¹⁸. Marchas e protestos são cada vez mais comuns em todos os continentes. Somente em Londres, quase 200 mil pessoas se reuniram no centro da cidade em solidariedade ao povo palestino¹⁹.

Até recentemente, a população árabe assistia com impotência as violações flagrantes e persistentes da ocupação israelense sobre a lei internacional e a indiferença de seus próprios governantes em proteger os palestinos de tamanho sofrimento e humilhação. Israel superou taticamente o mundo árabe uma e outra vez, o que culminou recentemente nos chamados Acordos de Abraão. Porém, para a enorme maioria da população árabe, este pacto assinado por alguns dos regimes mais ineptos e corruptos da região é nada mais que um castelo de areia. A invasão violenta per-

18 Layla Moran. Britain must now play its strongest hand and recognise the state of Palestine. Independent. 14 de maio de 2021. Disponível em: www.independent.co.uk/voices/palestine-israel-violence-gaza-hamas-b1847656.html

19 Siba Jackson. Almost 200,000 people join 'free Palestine' protest in central London. Metro. 22 de maio de 2021. Disponível em: <https://metro.co.uk/2021/05/22/palestine-protest-almost-200000-people-march-through-central-london-14628158/>

petrada contra o terceiro lugar mais sagrado para os muçulmanos, justo no mês do Ramadã, e os despejos arbitrários impostos contra as famílias de Sheikh Jarrah, designados corretamente como “violação da lei internacional” pelas Nações Unidas²⁰, catalisaram uma vasta mobilização no mundo árabe e muito além.

Ao passo que o planeta torna-se exponencialmente mais conectado, a onda de solidariedade junto aos palestinos amplifica-se tanto nas redes sociais quanto nas formas de mídia tradicionais. Rússia e China também tornaram-se mais assertivas sobre seu papel na região. Evidentemente, ambos os países têm sua agenda própria, sobretudo ao competir com Washington nas Nações Unidas, mas parecem buscar uma postura mais neutra em relação ao conflito²¹. A intervenção dos Estados Unidos e seu subsequente fracasso no Afeganistão, no Iraque e na Líbia somente criou mais e mais crises e perpetuou a instabilidade por onde passou. Conforme torna-se nítida a falibilidade da ordem global intervencionista liderada pelo Pentágono, novos agentes regionais e internacionais então emergiram.

Mesmo a resposta dos países ocidentais sobre o Oriente Médio pode sofrer uma transformação no que concerne uma solução justa e duradoura para a questão palestina²². Indivíduos judeus de enorme coragem e prudência, que há muito contrapõem a injustiça, a despeito da ameaça de

20 UN says forced expulsion of Palestinians a ‘violation’ of law. Al Jazeera. 2 de junho de 2021. Disponível em: www.aljazeera.com/news/2021/6/2/un-forced-expulsion-of-palestinians-from-sh-jarrah-violation

21 Danil Bochkov. What Are China and Russia Saying About the Israel-Palestine Conflict? The Diplomat. Disponível em: thediplomat.com/2021/05/what-are-china-and-russia-saying-about-the-israel-palestine-conflict/

22 Jonathan Freedland. Israel should take note: the weight of opinion is turning against it. The Guardian. 21 de maio de 2021. Disponível em: www.theguardian.com/commentisfree/2021/may/21/israel-opinion-western-attitudes-middle-east

ostracismo representada pelos lobbies sionistas, difundiram-se por toda a imprensa e academia e tornaram-se mais e mais eloquentes. Alguns argumentam que, caso Israel não faça a coisa certa e encerre o conflito, será eventualmente declarado como estado pária.

Ventos da mudança em Israel e Estados Unidos

As coisas parecem mudar também nos Estados Unidos, com chances de secar pouco a pouco a fonte que tanto alimenta o aparato militar, político e econômico da ocupação. Há alguns anos, uma voz cada vez mais proeminente ganha força dentro do partido Democrata, em recusa ao apoio indiscriminado a Israel, em franco detrimento do povo palestino. Pela primeira vez, mais de 500 democratas assinaram uma carta aberta ao presidente Biden para exigir mais ações em defesa dos palestinos, além de reivindicar que Israel seja devidamente responsabilizado²³. Suas palavras não poderiam ser mais claras: “Estamos horrorizados com as imagens de civis mortos em Gaza, ou desabrigados pelos ataques aéreos de Israel. Estamos indignados com os esforços para expulsar forçosa e ilegalmente os palestinos de Sheikh Jarrah. Estamos chocados pela destruição de um edifício que abrigava escritórios da imprensa internacional – Enquanto os israelenses puderam passar suas noites escondidos em abrigos antibombas, os palestinos de Gaza não tinham onde se esconder. É essencial reconhecer este desequilíbrio de poder”.

Alguns parlamentares democratas também já expressaram sua oposição ao suporte militar conferido por Washington ao estado colonial sionista e demandaram compromisso com os direitos palestinos. Em um discurso

23 Martin Pengely. Over 500 Democratic staffers urge Joe Biden to ‘hold Israel accountable’. The Guardian. 24 de maio de 2021. Disponível em: www.theguardian.com/us-news/2021/may/24/joe-biden-israel-palestine-letter-democratic-staffers

emocionado no plenário da Câmara, a palestino-americana Rashida Tlaib criticou o presidente Biden e outros oficiais de alto escalão por proferir comentários indiferentes à “humanidade palestina”²⁴. Embora seja improvável que resulte em qualquer mudança imediata em campo e possa parecer insignificante em âmbito geral, diante das relações entre Israel e Estados Unidos, seu apelo não pode ser ignorado e deve amplificar-se nos próximos anos. Alguns observadores veem seu discurso como uma mudança “tectônica” junto de “gerações mais jovens mais simpáticas ao povo palestino”²⁵.

Dada a mudança gradual no equilíbrio de poder, em escala global, e a retomada de valores de justiça e igualdade, a grande questão é por quanto tempo os Estados Unidos poderão considerar a ocupação israelense como um recurso estratégico.

Israel continua armado até os dentes e parece invencível, sobretudo detrás do escudo político, econômico e militar conferido pela Casa Branca, mas a dinâmica global é absolutamente diferente do que aquela deixada pelos atentados de 11 de setembro e as invasões ao Iraque e Afeganistão. Uma nova aliança global parece então forjada para contestar a hegemonia bilateral de Washington e Tel Aviv. Muitos grupos e indivíduos veem hoje nitidamente o estado israelense como o lado errado da história.

Israel pode parecer invulnerável graças à força de suas agências de inteligência, suas forças policiais e militares e outros braços de opressão; porém, é desvalido de legitimidade nos campos legal e moral. O sofri-

mento palestino pode parecer insuportável, e muitos outros povos também lutariam para resistir a tamanha tragédia, mas sua resistência e resiliência provou-se mais de uma vez como extraordinária — uma razão de inspiração para outros grupos oprimidos ao redor do mundo. A vontade palestina de sobreviver e sua fé inabalável mobiliza então diversas comunidades, não importam as origens ou a religião.

Nenhum país na Terra é invencível ou desfruta de uma hegemonia perpétua. Uma nação com um histórico de desrespeitar a lei internacional e o estado de direito não pode se sustentar a longo prazo. Dada a mudança na realidade política em campo, um experiente observador político identificou uma série de fraturas projetadas ao estado israelense²⁶: sua perda consistente da superioridade militar; sua instabilidade e suas divergências internas, agora expostas; e o fracasso do plano coadunado por Israel, Estados Unidos e Emirados Árabes Unidos para assumir controle definitivo da liderança da Autoridade Palestina.

Israel enfrenta ainda uma “ameaça demográfica”, dado que muitas pessoas deixam o país por uma série de fatores, como o alto custo de vida, salários baixos, desigualdade de renda, incerteza política e tumultos sociais cada vez mais frequentes²⁷. Alguns jovens israelenses genuinamente sentem que não há qualquer futuro em Israel. Embora muitos jovens palestinos compartilhem do sentimento ou de uma frustração ainda mais profunda, os indícios das fraquezas internas vivenciadas pela ocupação tornam-se exponencialmente mais aparentes.

24 Congress members slam US support for Israel. Al Jazeera. 14 de maio de 2021. Disponível em: www.aljazeera.com/news/2021/5/14/progressive-us-congress-members-speak-up-to-back-palestinians

25 Anthony Zurcher. Israel-Gaza: The Democrats’ ‘tectonic’ shift on the conflict. BBC. Disponível em: www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-57161929.amp

26 MK Bhadrakumar. Israel-Palestine conflict at crucial inflection point. Asian Times. 30 de maio de 2021. Disponível em: <https://asiatimes.com/2021/05/israel-palestine-conflict-at-crucial-inflection-point/>

27 Yardena Schwartz. More Israelis Are Moving to the U.S.—and Staying for Good. Newsweek. 5 de outubro de 2018. Disponível em: www.newsweek.com/2018/05/18/israel-brain-drain-technology-startup-nation-religion-palestinians-economy-919477.html

Forjando alianças para construir justiça

Os ventos da mudança, com o apoio moral à causa palestina e a nova ascensão do Hamas como movimento por libertação nacional, parecem convergir a uma nova abordagem em torno das violações israelenses. Para muitos, cada vez mais impacientes com a presente situação, passou da hora de Israel sentar-se na mesa de negociações junto dos palestinos. Ainda não chegamos ao verdadeiro limiar, mas despontam papéis mais assertivos de agentes influentes — isto é, organizações de direitos humanos, instituições da sociedade civil e governos nacionais — para pressionar Israel a colaborar com um diálogo genuíno com base na equidade entre as partes. O processo deve ser mediado pelas Nações Unidas, para cumprir sua responsabilidade moral e política e encontrar uma solução justa e duradoura para o conflito e a crise humanitária.

a. A necessidade de uma abordagem coordenada

Há um conhecido enunciado: “Pequenas gotas fazem o oceano”. Embora seja fácil sentir-se sem esperanças com a situação, a mudança não vem rapidamente e demanda ações coordenadas. Há uma grande variedade de organizações não-governamentais — grupos culturais, órgãos religiosos, associações econômicas, clubes esportivos, sindicatos, agremiações estudantis, entidades políticas, instituições de direitos humanos, sociedades literárias, entre outras.

Com a organização adequada, uma boa liderança e um ativismo persistente, tais grupos são capazes de fornecer uma fundação institucional e exercer influência de longo alcance. Com planejamento estratégico e iniciativas criativas, podem tornar-se uma força positiva em suas comunidades e amplificar uma voz uníssona contra a perseguição, a opressão e as injustiças no exterior. Em nosso mundo despedaçado, tais grupos têm o papel de colaborar entre si para pressionar seus próprios governos a exercer a ética em sua política internacional, tanto no Oriente Médio

quanto no restante do mundo. Caso os cidadãos das grandes potências ocidentais manifestem sua indignação coletiva junto de outras comunidades, o impacto gerado não poderá ser facilmente ignorado.

b. Pessoas de fé tem uma obrigação com a justiça

Judeus, cristãos e muçulmanos, em particular, têm a obrigação moral de trabalhar por uma solução justa e pacífica na Palestina histórica. O conflito é tão antigo quanto a criação da Organização das Nações Unidas. Recai agora aos cidadãos do mundo pressionar seus governos a conferir capacidade à comunidade internacional para encontrar uma solução para o problema, antes que o Oriente Médio seja tragado por uma conflagração de larga escala.

Em Israel e nos países ocidentais, judeus progressistas e conscientes expressam suas reivindicações por uma solução humana à questão palestina. Seus apelos crescem dia após dia. Em contrapartida, judeus radicalizados em Israel e seus fervorosos aliados entre os cristãos sionistas insistem em subjugar ou expropriar os palestinos nativos através da força bruta.

Comunidades islâmicas e não-islâmicas têm uma responsabilidade ética e moral de contrapor a injustiça perpetrada pela elite israelense. Juntos nessa coalizão ampla, embora informal, esforços mais organizados e coordenados podem conquistar corações e mentes, em favor da justiça. É preciso também adotar medidas rigorosas para marginalizar agentes provocadores, cujos ataques generalistas à comunidade judaica podem macular a causa palestina.

c. A imprensa como veículo por justiça

Representar vítimas da opressão como vilões não é novidade alguma, mas tornou-se método na mão de ideólogos da extrema-direita. Quando as vítimas são continuamente retratadas como intolerantes, extremistas

ou terroristas e quando não têm a capacidade de responder, a narrativa de fato prevalece. Aqueles que buscam justiça enfrentam difamações similares, caso não estejam bastante preparados. Certa ocasião, disse Malcolm X, célebre ativista pelos direitos civis: “A imprensa é a entidade mais poderosa da Terra. Tem o poder de absolver os culpados e incriminar os inocentes — e isso é poder. Porque assim controlam o pensamento das massas”.

Através de uma cobertura pejorativa sobre os palestinos, nos editoriais, noticiários, comentários e artigos de opinião, a poderosa imprensa conservadora retrata Israel como vítima e busca justificar as agressões coloniais como “autodefesa”, contra o que descrevem como “terrorismo palestino”. A distorcida abordagem britânica, por exemplo, em torno do massacre israelense executado em maio de 2021 contra Gaza, foi documentada em detalhes pelo Centro de Monitoramento de Mídia (CfMM) do Conselho Muçulmano da Grã Bretanha (MCB)²⁸. Felizmente, essa narrativa tendenciosa pouco a pouco é desmistificada e muitas pessoas no mundo desenvolvido já não caem mais na retórica antipalestina. Campanhas online também ganharam força, ao contestar informações imprecisas ou desvirtuadas e compartilhar em primeira mão a tragédia em campo, por meio de fotografias, vídeos e depoimentos testemunhais. Vozes solidárias se tornaram melhores em reagir à propaganda sionista, sobretudo por meio das redes sociais.

O domínio da comunicação é essencial para criar e sustentar uma opinião pública favorável às lutas por justiça e direitos humanos. Movimentos por direitos em todo o mundo devem, portanto, investir em seus recursos midiáticos, aprimorar suas capacidades e assegurar que sua mensagem seja difundida e compreendida.

28 Media Reporting on Palestine. Centro de Monitoramento de Mídia (CfMM). Maio de 2021. Disponível em: cfmm.org.uk/wp-content/uploads/2021/05/MediaReportingOnPalestine-Report-and-Toolkit-Final.pdf

d. BDS como instrumento para desmantelar o apartheid

O movimento por Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra a ocupação israelense²⁹, em defesa da lei internacional, conquistou até agora algum progresso. Contudo, com o reconhecimento do apartheid por grupos de direitos humanos dentro e fora de Israel, a campanha tem uma oportunidade para ganhar novo impulso. O apoio à causa palestina emerge agora não somente de ativistas ou do público geral, mas também de celebridades e ícones culturais de todo o mundo.

Lições podem ser ainda aprendidas com a experiência bem sucedida contra o sistema de apartheid na África do Sul. O BDS foi empregado efetivamente e ajudou a trazer uma solução pacífica à questão política. Sem surpresa alguma, Israel e seus aliados, incluindo o próprio governo britânico, opõem-se firmemente ao BDS. Em resposta a uma petição por sanções contra a ocupação israelense, assinada por quase 400 mil pessoas, Londres reafirmou: “Embora não hesitamos em expressar divergências com Israel sempre que necessário, repudiamos veementemente medidas de boicote ou sanções”³⁰. Palavras vazias que não contrariam a tradicional política britânica em relação a Israel, tampouco trazem qualquer mudança na abordagem israelense sobre o povo palestino.

Caso cidadãos comuns, ativistas da sociedade civil e apoiadores dos direitos humanos — isto é, milhões de pessoas — sejam capazes de trabalhar ativa e pacificamente para isolar Israel politicamente, então seus res-

29 Nathan Thrall. BDS: how a controversial non-violent movement has transformed the Israeli-Palestinian debate. The Guardian. 14 de agosto de 2018. Disponível em: www.theguardian.com/news/2018/aug/14/bds-boycott-divestment-sanctions-movement-transformed-israeli-palestinian-debate

30 UK Government and Parliament. Petition. Introduce sanctions against Israel. 14 de junho de 2021. Disponível em: https://petition.parliament.uk/petitions/585314?reveal_response=yes

pectivos governos e mesmo a imprensa reacionária não poderão resistir a tamanha pressão do público. Com planejamento e coordenação adequados, o poder popular será o vencedor final em conquistar a justiça.

Conclusão

Nosso mundo está longe da perfeição, mas a exploração, a injustiça e a opressão são males reconhecidos na história humana, rejeitados por todas as culturas e crenças — particularmente, pelas três religiões abraâmicas. No Alcorão, as palavras de Deus e as mensagens do Profeta Muhammad — que a paz esteja com ele — são absolutamente claras: “Deus comanda justiça e honestidade” (Alcorão, 16:90).

Proseguiu: “Allah Todo Poderoso afirmou: Oh Meus servos, Eu proibi a injustiça para Mim e proibi a injustiça a vocês; não oprimam uns aos outros” (Hadith Qudsi, Sahih Muslim).

Os representantes de Deus na Terra — nós, seres humanos — devemos ser justos e honestos consigo mesmos, uns com os outros e com nosso planeta. Aqueles que detêm autoridade sobre os outros têm a obrigação de trabalhar contra a injustiça, não importa quem sejam os perpetradores. A tarefa de manter nosso mundo seguro, justo e em paz recai sobre todos nós.

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)